

## CONTANDO VACA

O Miguel num zaino louco  
e o Cabo Zé numa baia  
que é marcada na paleta,  
fazem alinhar - sem gambeta -  
todo o rodeio, pra conta,  
e, como sempre, na ponta  
saltou a vaca careta.

No rosilhão pata branca,  
o Colares mexe os lábios  
como mastigando o pito;  
mas, se fala, é bem baixito...  
Não se escuta. Não, senhor!  
Só aponta co'o arreador,  
fazendo a conta solito.

“As vez” o gado embrabece  
e se trompa e ‘redemunha’  
e sai meio entreverado;  
e o Índio, um perro tigrado,  
que sempre foi ruim de ouvido  
quase esparrama a latido  
um lote num dos costados.

Mas quem conta não se aperta!  
Porque é feio pra um gaúcho  
errar a conta do gado...  
Refuga vaca de um lado,  
passa por trás do cavalo:  
Espia...e segue no embalo...  
Sem deixar de ter contado!

E passa a osca aspa torta  
que atropela na mangueira  
quando de a pé se trabalha;  
e passa a que nunca falha  
-a pampa orelha atorada-  
e passa uma colorada  
que é das marca de Cangalha.

Porque o campeiro contando  
sabe, se falta, o que falta  
e adonde hay de campear.  
E algum que vai atacar  
não diz nada e, quietarrão,  
sempre confere (pois não!)  
pra se o companheiro errar!

E cada vaca que cruza  
vai campeando paradores...  
vai baixando pras aguadas...  
“Faltou a fumaça aspada  
junto com a companheira...  
uma brasina groteira  
que vive sempre entocada”!

## LÁ NO MEU PAGO

Lá no meu pago, quando um veiaco se arrasta  
Fica com a virilha gasta, com o castigo da soiteira,  
Lá no meu pago, pra rasquetear um sotreta,  
Não se anda com as rosetas calçadas nas barrigueiras.

Lá no meu pago, tá sempre acima da média,  
Quem palmeia o nó da rédea, e manda dá uma tapa “nas fuça”,  
Lá no meu pago, a cachorrada sai junto,  
Charlando no mesmo assunto, e o maula, no mais que tussa.

Lá no meu pago, não tem de “tirá” na cincha  
E o “arroiado”, se espicha, já no primeiro rechego,  
Lá no meu pago, na cola “apertemo” um tope,  
E “demo” o primeiro galope, com um “bastito” sem pelego.

Lá no meu pago, é bem assim, meu amigo,  
E garanto, quando digo, que a minha gente não se entrega,  
Lá no meu pago, não “adulemo” tinhoso,  
Nem “tiramo” pra mimoso, o que berra pelas macegas.

Lá no meu pago, a constância dita as normas,  
Sai da soga, vai pra forma, e vem traquejo em seguida,  
Lá no meu pago, fica manso o mais malino,  
Porque garra e arrocino, são requisitos pra lida.

Lá no meu pago, um domador é excelênciia,  
Que com jeito e experiência, honra braço e compromisso,  
Lá no meu pago, com maneador e bocal,  
Trava, rendilha e buçal, se faz pingos de serviço.

## NA BOCA DO PASSO

Sempre que o gado de cria  
vem da Invernada da Tuna  
em direção ao banheiro,  
refuga e custa primeiro,  
antes de cruzar o Passo;  
e hay touros que só no laço  
e na cincha dos campeiros!

Berram vacas e terneiros  
pelas barrancas do arroio,  
perdidos, redemunhando;  
e a gauchada ralhando  
se um cusco aperta demais:  
"Gaudério! Passa pra 'trais'...  
Salta pra fora, Chimango!"

Foi nessa boca de passo  
que o Miguelão, uma feita,  
no Bico Doce, um tostado,  
quaje que fica apertado  
numa rodada machaça!  
Correndo um touro fumaça  
que disparou pra'o banhado.

Foi nessa boca de passo  
que o Luís Enir, noutra volta,  
numa zaina caborteira,  
quaje planta uma figueira,  
que essa égua era veiaca!  
E ao carregar numa vaca,  
se arrastou, por traiçoeira...

Perrada que é puro barro...!  
e a cavalhada suada...  
e a gente sempre atacando:  
"Opa...Opa..." e assobiando;  
"Não facilita a barrosa!"  
Hay sempre uma mais custosa  
que refuga, gambeteando.

Mas se o gado cai na água,  
livra o mato e encordoam  
touros, vacas e terneiros,  
já fecha um pito um campeiro  
e puxa uma história - alguma  
do gado que vem da Tuna  
em direção ao banheiro...

## SEM TEMER A PRÓPRIA SORTE

No rancho que mal parava, “num upa” fez seu bolicho,  
sortiu de fiambre e de vício e se alcunhou “bolicheiro.”  
Arnóbio Silva – ponteiro – pôs preço na cavalhada  
Tirou o corpo da estrada, pois cansou de ser tropeiro.

Resolveu abrir o peito... – Canta lindo! – alguém gritou.  
“Num upa” virou cantor, o domador João Segundo.  
Afamado nestes fundos, gostava de andar domando  
mas achou lindo o fandango e resolveu ganhar o mundo.

Remendando corda e laço, quando viu... era guasqueiro!  
“Num upa” emalou os arreio, foi-se embora pra cidade.  
Chico Soares – pouca idade – hoje não vence a procura  
Bom de trança e de costura e de laço... Barbaridade!

O Arnóbio cansou da lida  
O João quis mais pra essa vida  
E o Chico era um sonhador...  
Nunca trocaram palavras  
Mas comungavam da crença  
Que o tempo é seu bem maior!

Quem busca melhor futuro  
não vive esperando a morte!  
Sem temer a própria sorte,  
muda de plano e de rumo,  
“num upa” tira pro fumo  
e segue sempre mais forte!

Nunca é tarde, nunca é cedo  
pra alguma nova investida...  
Se é vida... é pra ser vivida  
não pra ficar lamentando  
Se é vida... é pra ser vivida  
Pois, parece custar tanto,  
mas “num upa” cruza a vida!

## MISTURA BOA

Misturei uma vaneira  
com quase duas de canha  
quinze dias na campanha  
com esta estampa de fronteira.  
O olhar de uma morena  
com um coração meio a-toa  
e fui vendo que a mistura  
foi ficando das bem boa...

Uma vaneira é um convite  
quando se abre a cordeona  
pra nos braços de uma dona  
se encantar a madrugada.  
A canha é quase a desculpa  
quando a coragem é pequena  
pra um índio chegar sem medo  
nos sonhos de uma morena.

Uma estampa bem gaúcha  
não se encontra toda a hora  
de quem “trabaia” pra fora  
mas gosta de andar no mundo.  
Que campeia pelas noites  
um olhar de boas vindas  
que se Deus quiser, por nada  
deixa minha estampa mais linda.

Oiga-lê mistura boa...  
sempre deu mistura boa...  
Os olhos de uma morena  
com um coração que anda a-toa!!!

Um coração sem ter rumo  
é de “cortá” o sentimento  
fica “ansim” sem paradeiro  
feito uma folha no vento.  
Só se acha vez em quando  
nuns romance de ocasião  
que a luz fraca de um candieiro  
nem bem clareia as razão.

Pois quando a gente mistura  
“as vez” não desce direito  
tem que ter a dose certa  
e ir provando com jeito.  
Se é de menos, faz falta  
se vai de mais, sempre sobra...  
E gente não sabe o preço  
que a vida depois nos cobra...

## CHININHA DE TRANÇA

Tu ficas muito linda, me espiando  
Na janela do teu rancho, quando eu passo.  
E te iluminas pra mim que, te implorando,  
Com meus olhos te beijo e te abraço.

O teu sorriso de longe é uma esperança  
Pra mim que em teu olhar já me entrevero.  
Chininha linda dá pra mim essa tua trança!  
Vou aí buscar e te mostrar que assim te quero.

Quando eu te abano, ficas com meu gesto  
E o teu olhar vem dormir no meu costado.  
Pelo teu rancho eu passo de à cabresto  
Nas tranças deste amor desesperado.

Como cantam felizes de alegria,  
Bombeia, lá no mato, os passarinhos!  
Quem sabe se nós dois, talvez um dia,  
Não arreglamos lá mesmo nosso ninho!

Chininha linda dá pra mim essa tua trança,  
O teu amor e vem, que de vereda,  
Eu te carrego no pingo da esperança  
Que tem a sua garupa e o trotear de seda.

## QUADRO D'UMA TARDE DE INVERNO

A imagem cinzenta prenunciava chuva na tarde nublada...  
Cruzava um campeiro com o poncho dobrado na frente do arreio  
Num lobuno pampa, já com o pêlo grosso e de pata embarrada,  
Vindo do banhado, topando o inverno que empeçava feio.

O laço encharcado pesava nos tentos mostrando que havia  
Andado de arrasto, depois d'uma lida na qual foi "cimbrado"...  
E as barrigueiras, que estavam frouxas, entre os fios trazia  
Resquícios do lodo de algum atoleiro que tinha cruzado.

Aos poucos as nuvens ficaram pesadas e bem mais escuras,  
"Cerrando" a garoa que no horizonte chegava do céu...  
E veio branqueando, qual um paredão na vasta lonjura,  
E os primeiros pingos caíram macios na aba do chapéu.

Não havia vento, não trovejou longe e nem mesmo um relambo,  
Que quebrasse a calma daquelas paragens, pode ser ouvido.  
Somente um quero-quero, com o seu grito alerta, anunciou no campo,  
Que cruzava um campeiro num lobuno pampa ao trote estendido.

Foi quando então esta manga d'água que o tempo anunciava,  
Chegou silenciosa, mas foi encorpando e encharcando o pasto...  
E aquele campeiro, que do banhado, ao trote voltava,  
Em seu poncho de napa abrigou a alma, os pelegos e o basto.

Isso é coisa do campo que apenas quem vive por estes rincões,  
Consegue saber do seu compromisso e com capricho encilha...  
E se aclimata, suportando os ciclos destas virações,  
Parando rodeios cuidando dos bichos, rebanho e tropilhas.

Isso é parte da lida, de quem o destino de ser peão de estância,  
Tem a sábia incumbência de moldar ao rigor o que a lida destapa...  
E pelas invernias, com frios que arrepiam sem cor ou fragrâncias,  
Seja reconhecido quem se abriga dela com um poncho de napa.

## CANTA AS GLÓRIAS DE TI MESMO

Se há tanta rima bonita  
Com suas crinas revoltas  
Por aí, “à pata solta”,  
Correndo no descampado.  
-Piala sobre a coxilha  
A rima de seguidilha  
Num verso guasca e largado!

E, nas manhãs de sereno,  
Vem escrever sobre a grama  
A poesia pampeana  
Com sua linda cadênciia.  
E, falando o xucro idioma,  
Vem desenhar na carona  
Siluetas da querênciia!

Na alvorada do teu verso  
Irá cantar a natureza  
E tu dirás a beleza  
Que há na várzea e no campestre.  
E, depois, pelos caminhos,  
Cantarão os passarinhos  
Em tua lira de mestre!

Verás o gado sesteando  
Na sombra do caponete.  
E, talvez, com um ramalhete  
Dessas florzinhas do campo,  
Galantearás a chinita,  
Só pravê-la mais bonita  
Com elas presas no grampo.

Deitado sobre o lombilho,  
Olhando então nossa lua,  
A mais lindaça chirua  
Que já habitou na savana.  
Há de enredar toda a crença  
Na espora da renascença  
Da tua alma haragana!

N'algum fogão de tropeada  
Tu há de ouvir na cordiona,  
Os amores da siá dona,  
As tristezas do índio vago.  
O cusco, o rancho solito  
Que lembra, triste e contrito,  
O heroico início do pago.

Histórias do nosso índio,  
Escrevendo com sua lança,  
Uma bíblia de esperança  
Para os destinos da raça.  
A tapera, o umbu avoengo  
Simbolizando o andarengo  
Curtindo amarga desgraça.

E ficarás pensativo  
Nas rimas, nas cantilena,  
No tinido das chilenas  
Nessas noites de fandango  
Quando a guitarra, com glória,  
Te dedilhar toda história  
Do nosso Antonio Chimango.

Teu coração encandiado  
Por estas coisas que eu conto,  
Verá, tristonho, a que ponto  
Desperdiçou teu anseio.  
E, tendo o amor que não tinha,  
Acenderá uma velinha  
Pra o Negro do Pastoreio.

E neste gesto tão simples,  
Redimirás tua lira.  
-Verá que até a corruíra,  
Em tua linda poesia,  
Por entre os caibros do rancho,  
Fará um ninho mui ancho  
Só pra te dar alegria.